

Resenha

Kamila Nascimento¹

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

A Razão Populista, de Ernesto Laclau, foi originalmente publicada em inglês sob o título *On Populist Reason*, em 2005, e somente agora, oito anos depois, recebe a sua versão para a língua portuguesa. A demora da publicação reflete a dissonância entre a importância incontestável do autor em nível mundial e sua utilização no Brasil, ainda incipiente se comparado ao resto do mundo. De fato, antes de chegar a ser traduzida aqui a obra de Laclau já havia ganhado mais de 20 versões em diferentes línguas mundo afora.

Desta forma, a tradução de *A Razão Populista* é mais um esforço no sentido de introduzir a obra de Laclau para o leitor brasileiro, somando-se aos outros dois livros do autor que já haviam sido traduzidos no Brasil: *Política e ideologia na teoria marxista* (Paz e Terra, 1978) e *Emancipação e diferença* (EdUERJ, 2011). Outras obras, infelizmente, ainda permanecem sem tradução, como por exemplo, *Hegemony and Socialist Strategy*, lançada em 1985 em parceria com Chantal Mouffe, considerada a mais importante de Laclau e *New Reflections on the Revolution of Our Time*, publicada em 1990.

A Razão Populista está dividida em três partes. Na primeira parte, *a denigração das massas*, Laclau faz uma revisão da literatura sobre o populismo e sobre o tema da “psicologia das massas”. Foi no decorrer dessa discussão que, segundo o autor, “se estabeleceu um conjunto de distinções e oposições que iria operar como uma matriz, a partir da qual se organizou toda uma perspectiva sobre fenômenos políticos *aberrantes*, aí incluído o populismo” (LACLAU, 2013, p.56). Ele defende, ao contrário, que para entender o populismo é preciso, antes de mais nada, “resgatá-lo de sua posição marginal no interior do discurso das ciências sociais” (LACLAU, 2013, p.55). Esse resgate, segundo o autor, não é uma tentativa para encontrar o *verdadeiro* referente ao populismo, mas fazer o

¹ Mestranda em Ciência Política (UFPEl). Graduada em Ciências Sociais pela mesma instituição.

oposto: mostrar como ele não possui uma unidade referencial e que é simplesmente uma forma de construir o político.

Na segunda parte do livro, *a construção do “povo”*, Laclau apresenta a operação necessária para a construção do (seu) populismo. A unidade mínima de análise para explicar a operação que leva à construção da lógica populista usada pelo autor é a categoria de demanda social, divididas em demandas democráticas e demandas populares. Uma demanda atendida ou não, mas que permaneça isolada, Laclau chama de demanda democrática. Já as que se articulam numa relação de equivalência são denominadas de demandas populares, uma vez que constituem uma subjetividade social mais ampla. São estas últimas que potencialmente podem vir a constituir o “povo”. O autor apresenta um exemplo hipotético de como essas demandas se articulam:

Imagine uma grande massa de migrantes agrários que vão morar nas periferias de uma grande cidade industrial em desenvolvimento. Surgem problemas habitacionais, e as pessoas por eles afetadas solicitam algum tipo de solução às autoridades locais. Aqui temos um demanda que inicialmente talvez seja apenas uma solicitação. Se ela for atendida, o problema termina aí. Caso contrário, as pessoas podem começar a perceber que seus vizinhos têm outras demandas que também não foram atendidas: problemas com água, a saúde, a escola e etc. Caso a situação permaneça imutável durante algum tempo, ocorrerá um acúmulo de demandas não atendidas e uma crescente inabilidade do sistema institucional em absorvê-las de modo diferenciado (cada uma delas isolada das outras). Estabelece-se entre elas uma relação de equivalência. O resultado, caso a situação não seja contornada por fatores externos, poderia facilmente ser um abismo cada vez maior a separar o sistema institucional das pessoas (LACLAU, 2013, p.123).

Num primeiro momento, o acúmulo de demandas não atendidas cria uma cadeia de equivalências, ou seja, independentemente de quais sejam as demandas, isoladamente elas estão articuladas por sua condição de exclusão. Em segundo lugar, há a constituição de uma fronteira interna, que divide a sociedade em dois campos: o “povo” e o poder.

[...] num clima de extrema repressão, toda mobilização por um objetivo parcial será percebida não somente como relacionada com a reivindicação ou os objetivos concretos dessa luta, mas também como um ato de oposição ao sistema. Esse último fato é o que estabelece o laço entre uma variedade de lutas e mobilizações concretas ou parciais – todas são vistas como relacionadas entre si, não porque seus objetivos *concretos* estejam intrinsecamente ligados, mas porque são encaradas como equivalentes em sua confrontação com o regime repressivo. O que estabelece sua unidade não é, por conseguinte, algo positivo que elas partilham, mas negativo: sua oposição a um inimigo comum (LACLAU, 2011, p.73).

O exemplo de Laclau, e o que foi dito até aqui mostram como ocorrem as duas primeiras pré-condições para a formação do populismo: 1) uma articulação equivalente das demandas, que possibilitem a emergência do “povo”; 2) a formação de uma fronteira antagonista interna separando o “povo” do poder. Há ainda uma terceira pré-condição para considerarmos uma lógica como populista: 3) a unificação dessas várias demandas numa cadeia de equivalências (LACLAU, 2013, p.124). Isto porque, caso as relações de equivalência não se cristalizem numa certa identidade discursiva elas não passarão de um mero sentimento de solidariedade. “É unicamente esse momento de cristalização que constitui o ‘povo’ do populismo” (LACLAU, 2013, p.150).

O “povo” do populismo, segundo Laclau, é bastante específico, ele não é a totalidade dos membros da comunidade que aspira ser uma totalidade unificada. Ele é, ao contrário, uma parte que se identifica com o todo, é a “*plebs*” que reivindica ser o único “*populus*” legítimo. No caso do exemplo oferecido por Laclau, o “povo” não é a soma dos membros da comunidade, mas a soma dos “excluídos” que tomou para si a representação do todo.

Esta última operação também explica, segundo o autor, a centralidade da figura do líder no populismo. Se a lógica da equivalência leva a uma singularidade e esta leva a uma identificação da unidade do grupo, o líder é aquele que pode vir a assumir essa função de significação, seu nome é a própria singularidade cristalizada a partir da cadeia de equivalências. “A unificação simbólica do grupo em torno de uma individualidade [...] é inerente à formação de um ‘povo’” (LACLAU, 2013, p.160).

Na terceira parte, *variações populistas*, como o próprio nome sugere, Laclau apresenta uma série de exemplos de lógicas que podem ser consideradas populistas. Segundo o autor a noção de populismo que ele desenvolve não implica em uma determinação rígida e, dessa forma, comporta diversas variações (ou tendências) que podem ser inscritas como lógicas populistas, o que ele se dedica a demonstrar nesta parte última parte do livro.

Obviamente esta não passa de uma simplificação da operação de construção do populismo apresentada em ricos detalhes em *A Razão Populista*. O leitor, no entanto, não deve apressar-se em tomar a resenha pela obra. Por trás desta operação simplificada está uma série de sutilezas que não podem ser ignoradas, pois resultam de mais de 20 anos de trabalhos desenvolvidos pelo autor. A mesma advertência serve para o fenômeno do populismo em si, não há nada de óbvio nele e, como o próprio Laclau adverte, “não há nada de automático

sobre a emergência do ‘povo’. Ao contrário, ele é o resultado de um complexo processo de construção que, entre outras possibilidades, pode não alcançar o seu objetivo”. Para ele, a “construção de um povo pode fracassar facilmente” (LACLAU, 2013, p.285).

Para finalizar a obra, Laclau faz algumas considerações sobre, por exemplo, sua decisão em conceber o “povo” como categoria política, e não como um dado social, e explicita outras decisões teórico-metodológicas da análise. Estes são aspectos sobre a obra de Laclau que não devem ser diminuídos e muito menos ignorados, ao contrário, são estas decisões que o levam a percorrer um caminho diferente dos já antes empreendidos para explorar o tema do populismo. Independentemente das preferências do leitor quanto a estas posições teóricas, *A Razão Populista* é um convite tentador e leitura obrigatória aos interessados em teoria política contemporânea.

Referências

LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LACLAU, Ernesto. **New reflections on the revolution of our time**. Londres: Verso, 1990.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics**. Londres: Verso, 1985.

LACLAU, Ernesto. **Política e ideologia na teoria marxista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Texto enviado em: 21/04/2014

Aceito em:20/05/2014